

Dando o primeiro passo

Capítulo 12

De repente, a conversa entre o técnico Jair, 'seu' Antônio e dona Aurora foi pontuada por uma pergunta dela: "Eu gostaria de saber quais os direitos que eu teria para participar do trabalho proposto, visto que, com as obrigações, já estou de acordo?". Jair respondeu com objetividade: "O direito de receber assistência técnica". 'Seu' Antônio emendou de pronto: "Só isso?" Essa pergunta deixou o técnico um tanto desapontado. "Como, só isso?", disse Jair, acrescentando: "Com minha presença aqui, vocês terão acesso ao conhecimento trazido pelo professor que coordena o trabalho e a toda a rede de informações e especialistas que vem com ele".

Ao responder, Jair ficou pensando em como o conhecimento é pouco valorizado no Brasil. Para confirmar suas suspeitas, perguntou ao 'seu' Antônio o que ele preferia: receber sua assistência técnica ou uma generosa quantidade de ração ou adubo. 'Seu' Antônio não teve dúvida, apontando os insumos como a opção que mais lhe traria benefícios. "Não é nada contra você, Jair. É que já apareceram tantos doutores com idéias mirabolantes, falando que iriam resolver nossos problemas, que hoje estou preferindo garantir a ração das vacas ou o adubo da terra", confessou 'seu' Antônio.

Jair refletiu e, por um instante, viu que os produtores até tinham razão em 'ficar com os dois pés atrás' quando um técnico aparecia por ali para propor algo novo. É muita gente falando e aconselhando, sem nenhuma responsabilidade. No entanto, o que estava sendo proposto era algo diferente, em que a técnica sugerida só seria realmente implantada se fosse combinada entre as partes, e se a decisão final ficasse a cargo do maior interessado, o produtor. E mesmo assim, após ter sido

vista aplicada em outra propriedade com situação parecida.

Dona Aurora, mais objetiva, quis saber quando, onde e como começariam efetivamente o trabalho, sabendo, na verdade que o mesmo já havia sido iniciado na reunião no salão paroquial do distrito. Jair disse que iria entrar em contato com o professor coordenador para agendar a visita dele à propriedade, o mais breve possível.

No dia seguinte, Jair retornou ao Sítio Esperança e contou para 'seu' Antônio e dona Aurora que o professor havia marcado para a próxima semana sua primeira visita. Dona Aurora arregalou os olhos e comentou:

"Mas, já?" Ato reflexo, ficou nervosa! Logo, a apreensão se fez presente, e com ela, o medo. "Será que fizemos a coisa certa?", perguntou ao marido, enquanto Jair sumia na curva da estrada.

'Seu' Antônio nada falou, apenas respondeu erguendo os ombros, abrindo os braços e virando as palmas das mãos para cima.

Foi uma semana tensa, pois, bem ou mal, estavam vivendo há vários anos naquela propriedade, e agora surgira a oportunidade de melhora-

rem de vida, mas a sombra da derrota e, conseqüentemente, da condenação de toda a família ao exílio do meio rural os assustava. Será que vale a pena arriscar? Será que não estamos nos deixando iludir por mais uma promessa de dias felizes? Será que temos o direito de sonhar? Essas e outras tantas dúvidas assombraram suas mentes, ao longo da mais longa semana de suas vidas.

Paralelamente, tiveram ainda que decidir o que fazer com a tal coleta a granel do leite, afinal, o prazo anunciado pelo Zé do Nena já estava vencendo. Após algumas reuniões, os produtores de leite decidiram se unir numa as-

sociação e, em conversa com o laticínio, conseguiram um tanque emprestado, instalando-o numa propriedade próxima ao distrito, aonde os associados, inclusive 'seu' Antônio, deveriam levar sua produção todos os dias.

Antes de cada produtor colocar o produto no tanque de expansão, uma amostra do leite de cada um deles deveria ser retirada para testes imediatos e para análise laboratorial. Caso houvesse algum problema que compromettesse a qualidade do produto, o produtor responsável deveria arcar com o prejuízo causado aos outros produtores. Se este se recusasse a assumir suas responsabilidades, seria excluído da associação, e aí "boi apartado é comida de onça".

Jair explicou para os produtores da associação que essa obrigatoriedade não era rabugice do laticínio, mas, sim, o cumprimento de uma legislação que entrará em vigor a partir de julho deste ano nas regiões sul, sudeste e centro-oeste do Brasil, e que visa, basicamente, melhorar a qualidade do leite e derivados produzidos, industrializados e comercializados no País.

'Seu' Antônio e os outros produtores reclamaram um pouco, mas entenderam que lei é para ser cumprida. Com a associação, a remuneração do leite vendido pelo Sítio Esperança melhorou, mas não foi nada que pudesse trazer mais conforto à família, pois, afinal, eram apenas 14 litros diários sendo vendidos, e por mais alto que fosse o preço, o que sobrava no final do mês era muito pouco para as necessidades da casa.

No dia marcado para a primeira visita do professor, dona Aurora estava com cólicas. Parecia até que iria ter o quarto filho. Havia feito bolo de fubá e café para esperá-lo. Jair ficou de trazê-lo após o almoço, e já eram mais de duas da tarde, e nada. Nisso, avistaram um carro virando a curva da estrada e tomando o rumo do sítio. Os corações de 'seu' Antônio, dona Aurora, Clara, Cândida, e até do pequeno João, 'apertaram'. Era o destino de todos que estava em jogo. Rezaram um Pai Nosso e dona Aurora completou: "Seja o que Deus quiser!"

A cada mês, Balde Branco publica um capítulo de Sítio Esperança, texto de autoria de Artur Chinellato de Camargo, pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos-SP.

A samambaia com pessoas, situações ou contextos encontrados em nosso meio rural não é mera coincidência.

